

A África, 1809.....

Acorda atezado por um terrível sofrimento. As batidas do coração são como pontoadas de agulha que o martirizam com cada pulso... o corpo uma chaga ardente... mas a dor da sua cabeça apenas lhe permite sentir uma outra coisa... são uns segundos, se calhar um minuto; por fortuna, cai de novo na inconsciência.

Volta acordar. Tem calor e muita sede. Sente um líquido fresco entre os lábios, uma doce sensação de humidade e quer gritar, lamber ávido... mas não pode.

Todas as suas lembranças de aqueles momentos confundem-se entre o delírio, a dor e o instinto que o faz aferrar-se ao sono como a única oportunidade de afugentar tanto padecimento.

A sua primeira evocação um bocado nítida surge em meio de uma obscuridade silenciosa e fresca. A dor segue presente, mas é um bocado mais tolerável.

É possível que fique consciente um bom bocado porque se apercebe de que está deitado, coberto, e um fogo crepita perto. Depois novamente o esquecimento.

Cada vez permanece mais tempo acordado. Alguém se achega a ele e o toca com delicadeza, cobre as suas feridas com uma pasta húmida e fresca que lhe proporciona alívio num instante, molha os seus lábios com um lenço empampado em água ou em leite.

São vagas reminiscências misturadas com pesadelos, e resulta-lhe difícil discernir a vigília do sono durante esses primeiros dias.

Começa a perceber olores. Esterco. Terra. Palha. Também há sons ilhados. Animais que balam, vozes a murmurar perto, passos a deslizar-se sigilosos... Alguém segue a cuidar dele. É uma mulher, percebe-a.

Não pode abrir a boca –algo lhe cinge a cabeça- e cada vez que o intenta a dor faz-se intensa. Não pode ver; os seus olhos também estão cobertos. Ela deixa os líquidos a gotear entre os seus lábios e ele engole ansioso. Espera o momento em que essas mãos mágicas lhe mudam os emplastos, sente tanto alívio que quase poderia dizer que é prazer.

Tenta tocá-la, não pode mover o braço direito e o esquerdo pesa-lhe como se o tivesse lastrado com pedras...

Dia tras dia volve-a antes de chegar-se a ele. Rescende. O seu aroma doce, quase animal, reconforta-o. Aguarda ansioso o tacto de essas mãos sobre a sua pele, embora haja dor.

Ela canta em voz baixa. São sons guturais, como um burburinho... ele adormece-se com essa voz que lhe proporciona paz. Sente-se melhor.

Há uma novidade. Encostou-o levemente, que suplício, agora a sua posição é um bocado mais elevada. Introduz-lhe algo leve na boca, acaricia-lhe a cara enquanto o faz. A dor é de novo intensa. É uma cana ou um objeto similar. Sabe a madeira e é oco,

percebe-o com a ponta da língua. Então chega-lhe o alento dela e depois uma pasta tibia de leite e cereal. Aveia?, não sabe. Há tanto tempo que não come que quase se engasga pela impaciência. Ela deixa de soprar o alimento e murmura tranquilizadora. Quando ele se restabelece, começa de novo com muita paciência. Agora entende o que está a acontecer... ela mastiga para ele e a través do canudo, desde a sua boca, chega-lhe a papa misturada com a sua saliva.

Recupera as forças a pouco e pouco.

A vezes ela não entra na estância e fica a observá-lo em silêncio. Ele não pode vê-la, mas sente a sua presença. Gostaria de sorrir-lhe, de dizer-lhe alguma coisa... mas não pode falar.

Os dias são monótonos encostado ali. Lá fora o povoado bole. Ouve às crianças a brincar e as vezes sabe que o observam desde a porta. Também algum homem, mas não entra ninguém mais do que ela. Ela é o melhor dos seus dias.

O seu braço direito está entalado; já pode mover o esquerdo. As suas pernas tampouco estão muito bem, mas não parecem quebradas. Não lembra o que se passou. Acha que foi numa caça se calhar uma leoa, um rinoceronte... não consegue retroceder. Não lembra o seu nome. Não sabe se pertence a esse povoado. Compreende palavras isoladas que ela murmura com ternura... tem tantas perguntas que lhe fazer... mas restabelece-se lentamente, há chegar o momento.

As vezes, enquanto o alimenta tenta tocá-la, mas ela sempre retém a sua mão. No início foi máis contundente, mas agora fá-lo suavemente, como preguiçosa... ele pensa que não lhe desagradam os seus tentos e espera anelante qualquer oportunidade. Encontra-se melhor do que antes e a dor ressurgue provocada por um movimento o um gesto involuntário e não é ja uma laceração permanente como nos primeiros dias.

Tocou a sua cara. Hoje, quando ela sentou no chão, ao seu lado, estendeu a mão a procurá-la suplicante e ela roçou-no com a ponta dos seus dedos. Ele prendeu-nos ansioso e tratou de rogar-lhe, então a dor voltou com tanta intensidade... a esmagá-lo com todo o seu poder... ela acariciou a sua mão e murmurou-lhe palavras de consolo, enquanto ele acalmava-se. Depois, lentamente guiou-a até o seu rosto. É jovem, a sua pele é tersa, bochechas marcadas, fronte ampla, nariz larga e lábios imensos. Ele teve uma erecção ao tocar os seus lábios. Sente imensos desejos de beijá-la e abraçá-la e... não consegue esquecer o tacto dessa boca, o calor do seu hálito... requererá-la para ele. Não se importa quantas cabras precise, não se importa quantas esposas tenha já, se é que tem alguma... só a deseja a ela... afastará-se incluso do seu povoado, levará-la longe se é que não lha dão pelas boas... mas não quer pensar em afastar-se dela, não pode.

Há dias nos que ela se mantém distante. Vai dar em doido. Bate-lhe na mão se tenta asi-la; deixa-o sem comer se não está quieto e ele compreende que tem de ter paciência, calma, não pode pressioná-la... mas não deixa de pensar na sua boca. A boca que se achega cada dia para lhe dar a vida misturada com a saliva quente...

Hoje sentou-se. É difícil, cada movimento atormenta-o, mas ja não tanto como antes... a pior parte segue a estar na sua cabeça. Acha que tem a mandíbula partida, apenas pode

separar as gengivas para receber o cano e segue a resultar-lhe muito doloroso... mas recupera-se, recobra forças... Logo poderá pedi-la para ele.

Agora vem menos frequentemente, por volta do meio dia e de anoitecer, sabe-o pelos ruídos de lá fora e pela calor no ar. Já sorve a agua e o leite de uma tigela que sujeita com a sua mão esquerda, sempre há uma com agua ao seu lado.

Começa a camihar pela choça. É redonda, com paredes de adobe. Dá uns passos e tem de se sentar, mas parece-lhe um grande progresso. Isso faz com que esteja mais perto o momento no que ela vai ser sua. Deseja-a tanto... e ela também a ele. Sabe-o. Ainda que é cada dia mais distante, como se ao ele sobrepor-se, ela tivesse de se proteger.

Tocou os seus peitos. Ainda sente o tacto na sua mão. Ela estava a alimentá-lo como sempre. Ele começou a levantar o braço lentamente e ela não lho impediu. Estava tão perto... acariciou o seu rosto, deslizou os dedos muito devagar pelo seu pescoço, detendo-se nas suas clavículas a descer lentamente para o calor do seu peito. Ela estremeceu brandamente mas não pôs resistência nenhuma... tão cálida, tão doce, tão dócil....

Ja não suporta mais. Quer ver a sua cara, o seu corpo esbelto, o trançado do seu cabelo... quer dizer-lhe com o seu olhar todo o que não pode dizer-lhe com as suas palavras. Quando ela entra ao anoitecer, começa a se arrancar a vendagem da cabeça. Fá-lo desajeitado com a sua única mão livre. Ela geme a protestar, mas compreende que não poderá impedir-lho. Então ajuda-lhe a liberar os olhos, levanta o lenço devagar, humedecido com água, para o descolar das feridas... É doloroso, mas não se importa, a visão vai compensar qualquer sofrimento.

O seu olho direito está tão inchado que apenas pode abri-lo e, apesar da penumbra, fica deslumbrado e não vê mais do que un borrão escuro e difuso a frente dele. Esforça-se por focar a imagem. Ela separa-se um bocadinho e começa a distinguir o seu contorno, a ver o perfil da sua cabeça e os seus ombros... que bela é... Afiança-se a imagem. Ela olha-o com esses grandes olhos pretos... mas não acha neles o amor de que estava à espera ... são olhos temerosos, submissos... assustados... não compreende o que se passa, não pode perguntar, segue a ter a mandíbula vendada com força... ama-a tanto... estende a sua mão para acariciá-la, para dizer-lhe tanta coisa... e então fica paralisado, detido o gesto no ar, horrorizado pelo que vê e a memória que volta de repente: A sua mão é branca.

(Nota: No início do século 19, os traficantes de escravos ainda percorriam a África. Eram homens cegos?)